



## O ensaio no mundo diaspórico como gramática de resistência – o novo Estado Nacional Quilombista proposto por Abdias Nascimento em *ABC do Quilombismo*

The essay on the diasporic world as a grammar of resistance - the new Quilombist Nation State proposed by Abdias Nascimento in *ABC do Quilombismo* (ABC of Quilombism)

Dossiê: intérpretes do Brasil

Cintia Camargo Vianna\*

ORCID: 0000-0002-2784-0443

E-mail: cintiavianna@ufu.br

Recebido: 27/12/2024  
Aprovado: 22/04/2025

### Resumo:

A premissa para esse trabalho é a da existência de uma Intelectualidade Negra Internacional, Transnacional, que se consolida ao longo do século XX e deságua na produção do século XXI, produtora de uma gramática de humanidade para a população negra dispersa em diferentes territórios americanos e organizada em diferentes ensaios de intelectuais negros e negras. Nesse sentido, proponho a leitura do manifesto/ensaio *ABC do Quilombismo*, presente no Documento n.º 7, de Quilombismo (1980), de Abdias Nascimento, posto que nesse ensaio/manifesto o autor faz a proposta de um novo Estado brasileiro, denominado por ele como Estado Quilombista, estado no qual a vida brasileira é re-interpretada a partir das categorias de localização, centralização e agência negras (Asante, 2009).

### Palavras-chave:

Ensaio; Quilombismo; Abdias Nascimento; Intelectualidade Internacional Negra

### Abstract:

The premise for this work is the existence of an International, Transnational Black Intellectuality, which consolidated itself throughout the 20th century and flowed into the production of the 21st century, producing a grammar of humanity for the black population dispersed in different American territories and organized in different essays by black intellectuals. In this sense, I propose a reading of the manifesto/essay *ABC do Quilombismo* (ABC of Quilombism), found in Documento n.º 7 de Quilombismo (Quilombism Document No. 7) (1980), by Abdias Nascimento, since in this essay/manifesto the author proposes a new Brazilian state, which he calls the Quilombist State, a state in which Brazilian life is re-interpreted using the categories of black location, centralization and agency (Asante, 2009).

### Keywords:

Essay; Quilombismo; Abdias Nascimento; International Black Intellectuals

\* Pós-doutora em Estudos da Literatura pela (UFF/2017). Doutora (2008) e Mestre (2002) em Teoria da Literatura, Licenciada em Letras Português/Espanhol (1999) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de São José do Rio Preto. Professora ASSOCIADA da UFU. Atuou como Coordenadora de Assuntos para o Ensino do NEAB/Universidade Federal de Uberlândia (2012 - 2018) Coordenou PIBID INTERDISCIPLINAR RELAÇÕES ÉTNICO-RACIONAIS (2014-2016) da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenou o curso de Letras- Espanhol a Distância (2011/2015). Coordena o Coletivo de Pesquisa YALODE - GEPLAFRO/CNPQ. Coordenadora do Projeto Afrocientistas/ABPN (Iniciação Científica para o Ensino Médio - ABPN/INSTITUTO UNIBANCO). Foi editora Executiva da Revista ABPN (2018 - 2020). Coordenadora do LINGUAFRO - IDIOMAS AFIRMATIVOS. Membro da ABPN - Associação de Pesquisadores Negros do Brasil. Membro da APEMG - Associação Mineira de Professores de Espanhol. Membro da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH). Atua na área Literaturas Afrolatinoamericanas, com ênfase principalmente em temas relacionados à Poéticas Afrolatinoamericanas, Ensística Afrolatinoamericana, Ensino Aprendizagem de Literaturas de Língua Espanhola.

## 1. Preâmbulo

No campo dos Estudos Literários, pensar sobre as autorias negras que vão produzir reinterpretações para os territórios americanos marcados pela Diáspora, especialmente, pensar sobre o contexto brasileiro, só parece possível se essa discussão tiver como ponto de partida o fato de que há alguns poucos anos atrás, talvez 20 anos, portanto início dos anos 2000, falar sobre literatura de autoria negra, sobre ensaística negra, sobre pensamento negro seria alguma coisa bem pouco provável ou feita ainda de maneira incipiente nesse contexto.

A autoria negra e o universo de questões que a circundam não tinham alcançado os bancos da universidade por muitas e diferentes questões, dentre elas, evidentemente, a ausência de políticas públicas afirmativas, o indisfarçável racismo epistemológico, fundador das universidades e gerador de epistemicídio e o racismo estrutural que sustentam o cânone e os estudos canônicos no mundo dos Estudos Literários ou nas Humanidades em sentido mais amplo.

Não é possível pensar em Estudos de Literatura Negra, Estudos do Pensamento Negro ou ainda Estudos Afrodiaspóricos sem considerar, por exemplo, uma combinação de problemas de classe, raça e gênero, como Patricia Hill Collins (2017) auxilia a convencionar como interseccionalidade e que me parece ser fundamental para uma compreensão mais ampla da literatura e do pensamento negros. É imprescindível ainda a identificação e estudo sistemático de outras cosmopercepções, ademais da Ocidental como epistemologias de saber a serem consideradas para a construção de sentidos, de leituras, além, evidentemente, de todas as questões postas pela tradição dos estudos de Literatura e do Pensamento Social Crítico no cenário ocidental.

Início o trabalho com ensaística negra do século XX produzida na Diáspora com o estudo de pequenos textos de Manuel Zapata Olivella, lidos por mim como ensaios/editoriais produzidos para ocupar o espaço do editorial da revista *Letras Nacionales*, periódico editado pelo autor colombiano ao longo de 20 anos (1965 – 1985), posteriormente, passo a investigar os ensaios de Manuel Zapata Olivella, *Las claves mágicas de América (Raza, clase y cultura)* (1989), *Levántate mulato! "Por mi raza hablará el espíritu"* (1990) y *La rebelión de los genes. El mestizaje en la sociedad futura* (1997) em comparação com os ensaios *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978), *O Quilombismo: documentos de uma militância* (1980), *Sitiado em Lagos: autodefesa de um negro* (1981), de Abdias Nascimento, com a finalidade de pensar sobre a construção das ideias de nação, nacionalidade, mestiçagem tendo como cenário ou palco de polêmica a construção do Estado Nacional relativamente à presença negra, um Estado Nacional Negro, como proposto por Abdias Nascimento.

No caso de Manuel Zapata Olivella, os ensaios são escritos para apresentar a visão

do autor para o projeto colonial e para suas reverberações na formação da população e da cultura da Colômbia. Seus ensaios vão apontar para a necessidade de rever a construção da cultura colombiana em sentido amplo, considerando a presença negra em seu cerne. Assim, o que Manuel Zapata Olivella propõe é uma re-visão da história e da crítica da formação da colombianidade desde a colonização, como se verifica, por exemplo, no ensaio *La rebelión de los genes. El mestizaje en la sociedad futura* (1997). Com isso, o autor redefine as ideias de nação, nacionalidade e mestiçagem na Colômbia, partindo da presença negra e indígena, o que, por si só, já oferece uma nova visão para a Arte, Literatura, Política e Educação no país.

O corpo a corpo com os escritos do autor colombiano possibilitou ampliar o olhar para a presença diaspórica na formação dos Estados Nacionais no mundo Americano. Intelectuais como Manuel Zapata Olivella e Abdias Nascimento vão olhar para seus Estados Nacionais a partir de uma perspectiva afrocentrada (Asante: 2009) e transnacional (Gilroy: 2001). É a partir do estudo dos textos de Manuel Zapata Olivella que passo a lidar com a existência de Intelectualidade Negra Internacional (Bolívar, 2015).

É assumindo essa premissa que aproximo a ensaística de Abdias Nascimento a de Manuel Zapata Olivella. A partir do tratamento que o autor brasileiro vai oferecer para as categorias de nação, nacionalidade, mestiçagem, coloco os dois intelectuais em diálogo. Nesse sentido, e pensando no colonialismo que, ainda na atualidade, ronda os Estudos de Literatura, não posso deixar de mencionar um trecho de Manuel Zapata Olivella que afirma no editorial/manifesto de abertura da *Revista Letras Nacionales*:

Habrà pues, tantas literaturas como contingentes sociales se encuentren identificados en una misma habla, en una misma unidad sociológica y cultural. Los límites de esa nacionalidad variarán de acuerdo con ciertos intereses políticos pero más allá de ellos estará uno más sólido y lógico: la identificación cultural. Muy otro es el fenómeno de la calidad literaria. Puede discutirse la mala o buena literatura. De su limitación regional o de su alcance universal. Lo que no admite o no debiera admitir discusión es la existencia de la literatura de un pueblo dado. (Editorial de Letras Nacionales, nº 0, p.4, Año 1, No. 0, Enero – Febrero de 1965)

Diante disso, é possível perceber qual a premissa epistemológica que adoto para os estudos sobre o Pensamento e a Literatura Negras no mundo Diaspórico, considero que há um pensamento que se inicia logo no pós-abolição, preocupado inicialmente com refletir sobre a posição da população negra nos diferentes territórios americanos, tendo como palco de polêmica a formação das Nações, os nacionalismos e a mestiçagem e dedicando-se a escrever sobre educação, política, artes, colocando os intelectuais negros e negras em um cenário de construção de homens e mulheres de Letras, a moda mesmo do que se passava no século XIX com intelectuais como, por exemplo, Andrés Bello (1843) e José Martí, (1891, 1893).

Assim, Abdias do Nascimento é um intelectual negro de vida pública, que assim como outros intelectuais diaspóricos, vai ensaiar sobre a vida e a cultura negra, que vão

ensaiar sobre a presença negra na composição política de seus territórios, sobre grandes categorias comuns a toda a população negra diaspórica, sobre questões de colonialidade e humanidade, finalmente, e talvez de modo mais interessante, ensaiar sobre questões de linguagem e humanidade para a população negra.

É importante destacar que esse pensamento e, conseqüentemente, a ensaística, literatura, dramaturgia, artes plásticas de autoria negra estará interessantemente abraçada a diferentes braços do Pan-Africanismo, o que determinará escritos afrocentrados voltados para o mundo Africano, como o que é preconizado no pensamento de Marcus Garvey (2004) e de Abdias Nascimento (1980), ou ainda, escritos voltados para a experiência afrodiaspórica, como o que é preconizado por Du Bois (2021) e por Manuel Zapata Olivella (1997). Nesses termos, entendo essa ensaística, essa literatura de autoria negra, necessariamente como produtora de agência negra, baseadas em localização e centralidade da experiência negra, quer seja em África, quer seja na Diáspora.

Diante do exposto, concentrarei as reflexões a partir daqui no pensamento de Abdias Nascimento e em como ele apresenta uma redefinição para o Estado Nacional Brasileiro, proposto em seu ensaio/manifesto *ABC DO QUILOMBISMO*, que é parte do Documento número 7, para tanto é importante: i) discutir a importância do gênero ensaio como o produtor de uma gramática de resistência para a população negra no mundo americano e ii) apresentar a interpretação para a presença negra na construção do Brasil, oferecida por Abdias Nascimento no ensaio/manifesto documento número 7, presente em *Quilombismo* (1980), de Abdias Nascimento

## 2. A centralidade do ensaio para o Pensamento Negro e para a Literatura de autoria negra

O contato com os ensaios de intelectuais negros e negras como é o caso de Abdias Nascimento faz pensar na posição desse gênero para o pensamento negro e o protagonismo desse gênero, que pode ser entendido como responsável pela construção de uma gramática de resistência, que potencializa justamente a geração de localização, centralidade e agência negra (Asante: 2009) no mundo Diaspórico.

É sobre resistir, termo pensado em sentido amplo e não apenas dentro daqueles significados mais prosaicos, ligados a ordem do vital, do sobre-viver, que os ensaios vão direta ou indiretamente tratar. Ensaio como o *Documento número 7*, presente em *Quilombismo* (1980), produzem uma reinterpretação de sua localidade a partir da experiência do quilombismo transplantada de África para o Brasil e da presença negra na proposição de um Novo Estado Nacional Brasileiro, Abdias Nascimento propõe um Estado Quilombista, no qual negros e negras têm centralidade.

Nesse sentido, a gramática de resistência presente na ensaística Afrodiaspórica vai

apontar sim para a resistência, mas é um resistir para viver plenamente, é sobre isso que Fanon (2008) fala em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, é sobre isso que Miriam Alves fala em sua literatura, não posso deixar de lembrar aqui do conto “Brincadeira”, do livro *Mulher Mat(r)iz* (2011) e sobre como a resistência se apresenta ali de maneira reveladora, humanizadora, libertadora, é sobre viver plenamente que Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez falam.

É para resistir que intelectuais negros e negras na Diáspora, desde Booker T. Washington até Tatiana Nascimento, vão buscar apontar para grandes problemas enfrentados pela população negra em territórios americanos como a ausência do direito a educação, trabalho, instrução, autoria, invenção e vão desenhar possibilidades de humanidade. Para mim, a gramática que os ensaios apontam, como, por exemplo, no trecho de Manuel Zapata Olivella que menciono no início, vai dizer da necessidade de rever a humanidade determinada pelo colonialismo e, evidentemente, pelo privilégio branco e que apontaria possibilidades, inclusive as criativas, apenas para um grupo racial.

Julgo ser possível afirmar que há por parte de Intelectuais Negros e Negras uma escolha pelo gênero ensaio, motivada pelo fato de que historicamente esse gênero coloca o autor no campo do livre pensamento e possibilita a retomada, a crítica, a ampliação e, arrisco dizer, a invenção a partir da interpretação do que já se tem produzido sobre diferentes temas, das próprias experiências e das experiências coletivas para os problemas.

Nesse sentido, talvez seja importante retomar “O ensaio como forma”, de Adorno (2003), uma referência já consagrada sobre o tema e que propõe interessante digressão definidora sobre ensaio com gênero, sobre o impacto do ensaio no campo do avanço epistemológico em termos de construção teórica e diferentes aspectos da recepção de tal gênero entre intelectuais de diferentes campos.

É necessário pensar se o ensaio vai atender o que Adorno (2003) apresenta como uma condição para a tradicionalização de um dado gênero que, no caso dos ensaios negros diaspóricos é a tratativa de grandes problemas universais para a população diaspórica e, nesse ponto, cabe indagar se essa condição estaria no imaginário de tantos autores afro-diaspóricos e hispânicos que fazem uso do gênero desde a segunda metade do século XIX e se seria o ensaio o gênero por excelência da intelectualidade internacional negra como apontada por Bolívar (2015) e por Gilroy (2001).

O ensaio guarda em si um tipo de liberdade gerada pelo afastamento dos limites acadêmicos, por contiguidade, científicos em sua visão. Nesse sentido, entendo que o bom ensaio é aquele que, mesmo sem o compromisso científico, ocupa-se em desvendar o objeto. Nesse sentido, talvez, os ensaios possam contribuir para a construção de juízos que partem da experiência humana negra como é possível perceber em ensaios como o Documento número 7, de Abdias Nascimento, que vão oferecer reflexões sobre a presença da população negra no Estado Brasileiro, sobre o resgate e preservação de memória negra

em território brasileiro, sobre a reunião de negros e negras afim de produzir um novo Estado Brasileiro Quilombista, baseado em agência negra.

O ensaio como forma estaria mais propício para a geração de crítica epistemológica (por não estar preocupado exatamente com o esgotamento de todas as nuances do objeto que discute) – é baseado na relativização, relativização essa que é possível ser verificada no “Documento nº 7”, de Quilombismo (1980), de Abdias Nascimento, pois o autor se ocupa de restabelecer uma certa trajetória para o povo negro no Brasil, trajetória essa que subverteria a história já difundida para essa presença.

Nesse universo de subversão, há uma reunião de negros e negras, há um aquilombamento, aqui entendido como possibilidade de amplificação de resistência e que extrapola os limites históricos do que é difundido no Brasil como quilombo e aquilombamento.

Diante disso, é, portanto, bastante relevante resgatar a afirmação de Adorno (2003) que define:

O ensaio tem a ver, todavia, com os pontos cegos de seus objetos. Ele quer desenhar, com os objetos, aquilo que não cabe em conceitos, ou aquilo que, através das contradições em que os conceitos se enredam, acaba revelando que a rede de objetividades desses conceitos é meramente um arranjo subjetivo. (2003, p.44)

Ainda pensando sobre a natureza do ensaio, não é possível deixar de lado o também canônico texto de Luckács (2015), no qual o autor vai discutir a natureza do ensaio, as condições de produção e, de certa forma, a importância desse tipo de texto. Uma das indagações em torno das quais o autor vai discutir é sobre como se daria, e mais que isso, se seria possível, o estabelecimento de relações entre os ensaios. Além disso, assim como outros críticos que se ocuparam do ensaio como gênero, Lukács (2015, p.38) também vai refletir sobre a natureza artística, inventiva que o ensaio possa assumir. Sobre esse ponto ele afirma: “Até que ponto os escritos realmente grandes incluídos nessa categoria possuem uma forma e até que ponto trata-se de uma forma autônoma?”

Para esse autor, o ensaio estaria muito mais assentado no campo da produção artística do que qualquer coisa, posto que para ele, a crítica é nela mesma uma forma de arte, os ensaios seriam a partir de sua visão, poemas intelectuais. E interessa saber qual o tema do ensaio, qual a pretensão do ensaio com esse tema e quais os caminhos trilhados para que o ensaio se efetive como texto.

Para Lukács, o ensaio comporta em si natureza poética que o afasta da escrita do prosaico. O autor vai apontar o interesse que tem em investigar o que afasta o ensaio do texto poético e não o que o aproxima, pois assim, será possível verificar sistematicamente em que momentos o ensaio lido é invenção e em que momentos ele é acadêmico. Com isso, o estabelecimento dos limites entre poesia e ensaio, a identificação do tema e da trajetória percorrida pelo ensaísta, seria possível identificar quais seriam os verdadeiros

ensaios, que atravessam o tempo e se mantêm no campo crítico, e distingui-los daqueles que oferecem apenas um repassar de informações, de conexões.

AIRA (2001, p.9), ao se ocupar da natureza dos ensaios, pensando neles no campo da produção literária, vai afirmar que a principal diferença entre o ensaio e a novela é o tema e afirma:

En el ensayo es al revés: el tema está antes, y es ese lugar el que asegura lo literario del resultado. La separación entre intención y resultado, que la literatura opera en la novela, en el ensayo la realiza una generalización de lo previo; todo se traslada al día antes de escribir, cuando se elige el tema; si se acierta en la elección, el ensayo ya está escrito, antes de escribirse; es esto lo que lo objetiviza respecto de los mecanismos psicológicos de su autor, y hace del ensayo algo más que una exposición de opiniones.

Os ensaios vão ser um espaço profícuo, segundo o autor, para promover a discussão de grandes temas a partir de um grande cabedal de leituras. Para ele, a maneira com o ensaio vai se desenvolver aponta para parceria de campos epistemológicos, e essas conjunções serão justamente explicitadas a partir da escolha dos temas.

A escolha dos temas é uma resposta por parte dos intelectuais para circunstâncias históricas específicas – no caso dos intelectuais afro-hispânicos, como já mencionei em Vianna (2022) e Vianna (2023), os ensaios vão responder a questionamentos gerados pelos problemas próprios da população marginalizada, diaspórica, latina.

Assim, é possível afirmar que ao escolher tratar de Quilombismo, ao usar esse título, Abdias Nascimento não desejava outra coisa senão promover a revisitação e a revalorização do termo Quilombo e da história que esse termo carrega no país, redefinindo o Estado Nacional Brasileiro, determinado pelo autor como Estado Quilombista, reposicionando negros e negras no cenário da promoção de resistência e de humanidade no país.

### 3. ABC do *Quilombismo* – ensaio/manifesto

Esse manifesto ou regulário é parte do Documento número 7 de Abdias do Nascimento e vai, a meu ver, apontar para a população negra um *modus operandi* no estado nacional brasileiro. Nesse sentido, é possível observar que esse manifesto vai sistematizar como deve se portar um negro em aquilombamento, contra o que deve se levantar, porque deve se organizar, para qual memória deve se voltar para que possa ter seu pertencimento como negro e negra em diáspora salvaguardado.

Abdias Nascimento constrói um abecedário indicando comportamentos, pertencimentos, ressalvas que vão, na minha opinião, sistematizar sinteticamente a interpretação dele para o Brasil em relação à presença negra. O autor aponta o estado de humilhação permanente ao qual corpos negros e suas comunidades são submetidos pela ação policial arbitrária por parte dos agentes do estado.

Para Abdias Nascimento é necessário que o povo negro se organize para sobreviver, que tenha muito cuidado com o estabelecimento de alianças, independente da denominação – “o negro precisa obrigatoriamente ter poder de decisão, a fim de não permitir que as massas negras sejam manipuladas por interesses de causas alheias à sua própria.” (Nascimento: 1980, p. 270)

Para o intelectual, as frentes de luta devem ser ampliadas, baseadas na organização de negros e negras que devem objetivar promover mudanças sócio-econômicas radicais e também prover mudanças culturais radicais. De certa maneira, o intelectual aponta para a necessidade de reconhecimento (ou quem sabe busca) de origens africanas.

Nesse ensaio/manifesto, ele tem um item exclusivo para os Bantos, ele tem um item para os Jêje, grandes etnias africanas que dariam origem à população negra do Brasil. Para o autor, o reconhecimento dessas origens, ou pertencimentos, faz com que se consubstancie a possibilidade de luta contra o supremacismo branco (que faz parte da tecnologia racial colonial). Sobre isso, ele afirma:

Ejetar o supremacismo branco do nosso meio é um dever de todo democrata. Devemos ter sempre presente que o racismo i. é, supremacismo do branco, preconceito de cor e discriminação racial compõem o fator raça, a primeira contradição para as massas de origem africana na sociedade brasileira. (p.270)

Para Abdias, para que haja um outro Brasil, capaz de lidar com a presença negra, é preciso seguir formando quadros de lideranças quilombistas, capazes, segundo ele de organizar as massas negras. Sendo assim, o quilombismo tem como principal motivador, garantir às massas negras a presença dentro das hierarquias de decisão e poder, o que tornaria possível a manutenção de suas identidades.

Considerando a perspectiva pan-africanista adotada por Abdias Nascimento, que será voltada para a África, como o proposto, por exemplo, por Marcus Garvey, para que o Estado Quilombista se consolide é imprescindível que se construa estreitos laços com todos os negros africanos e organizações independentes, tanto na diáspora quanto no continente africano.

É uma das premissas desse Estado Quilombista que a perseguição branca ao quilombismo organizado é inevitável, o Brasil lança mão de diferentes estratégias para o apagamento da população negra e para qualquer intento de organização, mobilização para pleitear direitos. Em seu manifesto/ensaio, Abdias Nascimento destaca, por exemplo, o fato de que o voto fosse negado aos analfabetos, posto que os analfabetos no Brasil têm cor, o que excluiria as massas negras dos processos políticos nacionais, destaca também o apagamento do fator raça/cor pelo IBGE (em um dado momento histórico).

Abdias adianta a discussão contemporânea sobre interseccionalidade, posto que seu ABC foi publicado pela primeira vez em 1980. Para o autor, não é possível pensar na presença negra sem que isso seja feito a partir de uma intersecção entre racismo (ou raça),

classe e sexo (gênero). Ele aponta, de maneira bastante avançada para sua época, a necessidade de olhar para a presença do negro no mundo do trabalho a partir de um cruzamento do problema de raça e de classe, e, segundo o autor, o quilombismo se posiciona contrariamente a um desenvolvimento industrial que não considere essa intersecção raça e classe. Nesse sentido, o autor afirma:

O quilombismo advoga para o Brasil um conhecimento científico e técnico que possibilite a genuína industrialização que represente um novo avanço de autonomia nacional. O quilombismo não aceita que se entregue a nossa reserva mineral e a nossa economia às corporações monopolistas internacionais, porém tampouco defende os interesses de uma burguesia nacional. O negro-africano foi o primeiro e o principal artífice da formação econômica do País e a riqueza nacional pertence a ele e a todo o povo brasileiro que a produz. (Nascimento: 1980, p. 272)

Uma das preocupações apresentadas no manifesto/ensaio é com o problema da miscigenação em territórios diaspóricos e como esses mestiços e mestiças se posicionariam frente ao Estado Quilombista afrocentrado. Abdias se levanta contra as práticas de miscigenação impostas pelo estado brasileiro a partir de uma política imigratória, se levanta contra o mito da democracia racial, afirmando que essas são marcas da atuação do supremacismo branco do estado. Para o intelectual, caso as relações no Brasil apresentassem alguma simetria, seria possível ver a miscigenação como um acontecimento positivo, como não há simetria, ele não vê como positivo.

O quilombismo de Abdias do Nascimento reposiciona os negros e negras brasileiros em um espaço de afrocentricidade, determinado pelas categorias sistematizadas por Asante (2009): a localização, a centralidade e a agência negra, baseado em um olhar específico para a memória da tradição africana. Nesse sentido, ele afirma:

p) Poder quilombista que dizer: A Raça Negra no Poder. Os descendentes africanos somam a maioria da nossa população. Portanto, o Poder Negro será um poder democrático (Reitero aqui a advertência aos intrigantes, aos maliciosos, aos ignorantes, aos racistas: neste livro a palavra raça tem exclusiva acepção histórico-cultural. Raça biologicamente pura não existe e nunca existiu).” (Nascimento: 1980, p. 272)

Para Abdias, o quilombista deve fazer prevalecer a observância das questões de raça em todas as suas lutas, visto que não há uma luta única ou todos unidos em torno de pleitos únicos. Em seu manifesto/ensaio, o intelectual apresenta interessantes definições para as categorias de “raça” e “racismo”, que auxiliam a entender a perspectiva adotada por ele para o desenho desse Estado Quilombista brasileiro. O autor define raça:

r) Raça: acreditamos que todos os seres humanos pertencem à mesma espécie. Para o quilombismo, raça significa um grupo humano que possui, relativamente, idênticas características somáticas, resultantes de um complexo de fatores bio-histórico-ambientais. Tanto aparência física, como igualmente os traços psicológicos, de personalidade, de caráter e emotividade, sofrem a influência daquele complexo de fatores onde somam e se complementam a genética, a sociedade, a cultura, o meio geográfico, a história. O cruzamento de diferentes grupos raciais, ou de pessoas de identidade racial diversas, está na linha dos mais legítimos interesses de sobrevivência da espécie humana. (Nascimento: 1980, p. 273)

E define Racismo como “(. . .) a crença na inerente superioridade de uma raça

sobre a outra.” (Nascimento, 1980, p.273).

Abdias apresenta o quilombismo como uma alternativa para a sociedade brasileira contemporânea ainda hoje válida, posto que as assimetrias geradas por questões de raça, classe e gênero ainda são uma realidade para a sociedade brasileira e a população negra até o presente momento não alcança as mesmas condições que a população branca. Nesse sentido, o quilombismo apresenta-se como um modelo de desenvolvimento autônomo relativo:

O quilombismo pretende resgatar dessa definição negativista o sentido de organização sócio-econômica concebido para servir à existência humana; organização que existiu na África e que os africanos escravizados trouxeram e praticaram no Brasil. A sociedade brasileira contemporânea pode se beneficiar com o projeto do quilombismo, uma alternativa nacional que se oferece em substituição ao sistema desumano do capitalismo. (Nascimento: 1980, p.274)

Abdias Nascimento em seu *ABC do Quilombismo* (1980) propõe a criação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado em Palmares e em outros quilombos que existiram no Brasil. O autor aponta para um estado negro, no qual se redefine a presença do negro e se define que essa presença será baseada pela localização, centralidade e agência negras (Asante: 2009)

Ao idealizar esse novo estado brasileiro, após elencar o abc do quilombismo que busca dar conta de algo próximo de etapas para a transformação do estado nacional brasileiro a partir e por causa da presença negra, Abdias Nascimento enumera também princípios e propósitos para o Quilombismo e para os quilombistas.

O Estado Nacional Quilombista terá como finalidade básica promover o bem-estar, a felicidade humana e para que essa felicidade comum seja alcançada, o quilombismo vai apontar para uma economia cooperativa, que divide os resultados do trabalho coletivo, para uma propriedade coletiva na qual todos terão acesso à moradia, determinará o direito à educação e lazer, além de determinar o direito à invenção artística. Com todas essas nuances garantidas, o quilombista idealizado por Abdias Nascimento é um indivíduo pleno e com humanidade garantida.

No item 8 do regulário, Abdias destaca a necessidade de que as faculdades criativas de todos os quilombistas seja incentivada, a fim de combater o embrutecimento – “As artes em geral ocuparão um espaço básico no sistema educativo e no contexto das atividades sociais da coletividade quilombista.” (Nascimento: 1980, p.276)

O Estado quilombista é baseado na terra como propriedade coletiva e o produto do trabalho, a riqueza gerada por esse trabalho é também um bem coletivo. Nesse sentido, o que Abdias faz é propor um redimensionamento das relações de posse, no caso da terra, e também as relações de trabalho:

4. O quilombismo considera a terra uma propriedade nacional de uso coletivo. As fábricas e outras instalações industriais, assim como todos os bens e instrumentos de produção, da mesma forma que a terra, são de propriedade e uso coletivo da

sociedade. Os trabalhadores rurais ou camponeses trabalham a terra e são os próprios dirigentes das instituições agropecuárias. Os operários da indústria e os trabalhadores de modo geral são os produtores dos objetos industriais e os únicos responsáveis pela orientação e gerência de suas respectivas unidades de produção. (Nascimento: 1980, p.276)

Ao descrever as etapas de humanização da população negra no Estado Quilombista em seu manifesto/ensaio, Abdias Nascimento trata de diferentes nuances da vida negra no Brasil, ao fazê-lo, aponta observação interessante sobre a situação das crianças negras e sugere outro tratamento para essas crianças no Estado Quilombista, que define a criança como prioridade e afirma em “6. Cuidado pré-natal, amparo à maternidade, creches, alimentação adequada, moradia higiênica e humana, são alguns dos itens relacionados à criança negra que figuram no programa de ação do movimento quilombista.”(Nascimento: 1980, p. 276)

Pensando na promoção de agência negra, segundo o Estado Quilombista, todos os quilombistas terão acesso à educação e a História da África, das culturas e civilizações africanas deveriam ser incluídas nos currículos escolares e o Estado Quilombista também destaca a criação de uma Universidade Afro-Brasileira, isso no ano de 1980, adiantando assim o que depois vamos conhecer como parte da Lei 10.639 e ainda a criação da UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, criada em 2010, pela Lei n.º 12.289.

Assim, Abdias Nascimento, ao propor um novo estado brasileiro no qual a população negra fosse parte central, determina que o Estado Quilombista se estabeleça a partir da ruptura com toda sorte de hierarquização que seja basilar na sociedade brasileira, pois em 11 se lê: “11. A revolução quilombista é fundamentalmente antirracista, anticapitalista, antilatifundiária, anti-imperialista e antineocolonialista.” (p.277)

## Referências

AIRA, César. *El ensayo y su tema*. In: Boletín 9 – El ensayo de los escritores – Diciembre, Rosário, 2001 p. 9 - 15

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Ed Duas Cidades e São Paulo: Editora 34, 2003

ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: Elisa LARKIN NASCIMENTO, Elisa (org.). *Afrocentricidade uma epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93 - 110

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998

BOLÍVAR, Francisco (2015). Un diálogo diaspórico: el lugar del Harlem Renaissance en el pensamiento racial e intelectual afrocolombiano (1920-1948). In: Hist. Crit. No. 55, Bogotá, enero – marzo , 288 pp. issn 0121-1617 (pp 101-124)

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), 2008.

GARVEY, Marcus. The Negro's Greatest Enemy. In: BLAISDELL, Bob (org.). *Selected Writings and Speeches of Marcus Garvey*. Minessota, NY: Dover Publications, 2004, p. 1-10.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HILL COLLINS, Patricia. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: Parágrafo. JAN/JUN. 2017 V. 5 N. 1 ISSN: 2317 – 4919, 2017 p. 6 - 17

LUKÁCS, Georg . *A alma e as formas*. 14 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980

VIANNA, Cintia Camargo. Manuel Zapata Olivella e Lélia Gonzaléz: intelectualidade negra em Diáspora - uma ensaística anticolonial e antecipadamente decolonial. In: RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo e BATISTA DA SILVA ALMEIDA, Ivete (orgs.) *Ensino de História em Perspectiva Decolonial*. – São Leopoldo: Oikos, 2022 p. 155 - 175

VIANNA, Cintia Camargo. Quilombo como encaminhamento para inserção nacional da população negra nos ensaios Quilombismo, de Abdias Nascimento e em O conceito de quilombo e a resistência cultural negra, de Beatriz Nascimento. In: Pereira Camargo, Flávio, Couto de Brito, Tarsilla (orgs). *Gênero, raça e classe na literatura contemporânea da América Latina* [Ebook]. Goiânia: Cegraf UFG, 2023 p. 127 - 144